

RESENHA

Vidas Desperdiçadas

Wasted Lives (Modernity and Outcasts)

Orgides Maria da Silva NETA

RESUMO

“A produção de refugio humano” ou, mais exatamente, de seres humanos refugados — os que não puderam ou não quiseram ser reconhecidos, os que não obtiveram permissão para ficar — é um produto inevitável da sociedade. “É consequência inseparável da modernização, efeito colateral da construção da ordem e do progresso econômico”.

Palavras-chave: capitalismo, descartabilidade, exclusão, pós-modernidade, refugio.

ABSTRACT

“The production of human refuge” or, more precisely, of human refugees – those that are unable to or do not wish to be recognized, those that do not have permission to stay – is an inevitable product of society. “It is an inseparable consequence of modernization, a side-effect of constructing order and economic progress.”

Index Terms: capitalism, disposability, exclusion, post-modernity, refuge.

Sociedade do descartável

No trabalho de Zygmunt Bauman a sociologia aparece como instrumento de libertação, propondo um engajamento crítico frente a nossa realidade, engajando-nos a construir vidas menos excludentes e injustas. Esta é a Temática central do livro *Vidas Desperdiçadas*.

Como em outros trabalhos, Bauman se apropria da sociologia para questionar os nossos modos de vida, as políticas do cotidiano, entre outros fatores, como uma pesquisa. Essa “produção, pesquisa sociológica” é uma rica fonte para compreendermos as transformações de nosso “mundo em descontrole”, impulsionado pela modernização.

Temáticas como experiências amorosas, intimidade, subjetividade, construção do eu, políticas de amizade, e outras, renovam a sociologia, nos apresentando uma nova perspectiva em relação aos modelos tradicionais de reflexão sociológica. Bauman nos oferece a oportunidade de compreender a nossa sociedade de uma forma mais íntima, mais próxima e mais profunda, o que de certa maneira pode causar estranhamento, inconformismo, não-aceitação, e ao mesmo tempo nos alertar para a sociedade que construímos e que continuamos delinear para o futuro.

Bauman realiza uma conceitualização afinada com as transformações de nosso mundo e na forma de organizar as experiências binárias dos vínculos humanos nas mais diversas dimensões (individual x social, público x privado).

Aponta que a pós-modernidade é marcada pela exclusão que cresce a cada dia, impondo constantemente novas exigências, qualificações para o mundo do trabalho, com as quais a nossa estrutura educacional não está preparada para lidar, acarretando desta forma um alto índice de desemprego.

Constituído de quatro capítulos, *Vidas Desperdiçadas*, apresenta em sua introdução, um convite a “um outro olhar” sobre o mundo que

habitamos e partilhamos. Trata-se de compreender que o problema não é algo irrelevante ao refletir como podemos lidar com a produção do lixo humano e da indústria de remoção do refugo humano. Entre nós, será que existem seres humanos supérfluos? Problemáticas como emigração, indústria, novos guetos, ou seja, todos os fatores que permeiam a questão da descartabilidade das relações humanas são focos deste livro.

No capítulo primeiro, “No começo era o projeto”, o autor nos aponta as grandes transformações ocorridas nas relações e no convívio humano decorrentes da imposição da modernidade, constituindo-se como uma mutação entre as formas civilizatórias de vida, instaurando-se um caos entre os organismos de regulamentação das fronteiras dentro/fora, inclusão/exclusão, pureza/sujeira, bem/mal, produto/refugo.

A modernidade, ao tentar organizar o mundo sob sua perspectiva, estabeleceu o contrário, seu produto foram formas de exclusão, fronteiras e anomalias entre as relações humanas, suas formas de vida e de lidar com o mundo. Os indivíduos ficaram duvidosos de seus valores frente à sociedade do consumo, encontrando-se perdidos ao ter que perceber o que é dentro dele e o que é fora, o que importa e o que não importa, a ordem e a desordem. As percepções se tornam conflituosas, presidindo o aspecto da descartabilidade.

Bauman descreve uma geração constituída por mal-estares, sentimentos de aflição, insegurança, depressão, ansiedade, não existindo mais definição quanto aos fins da ação humana. No mundo contemporâneo, os seres humanos são permanentemente confrontados com a possibilidade de serem apontados como redundantes, supérfluos, indiferentes, etc.

No segundo capítulo “Serão eles demasiados”, Bauman aponta o Estado como administrador destes pontos de divisão (ex.: inclusão/exclusão), ao possuir o monopólio do direito de excluir e operar essa exclusão. O autor propõe neste capítulo uma questão: Como pensar em

um ser humano, dentro e fora do mundo globalizante? Como pensar na divisão entre nós e eles?

Na confusão instaurada, a modernização provoca um grande índice de marginalização, chegando-se a pensar que o mundo está cheio. Mas por mais estranho que nos pareça, somos condicionados a compreender a marginalização como algo alheio a nós mesmos, distante, como se não fôssemos — na sociedade do consumo — co-responsáveis pelo caos. Ao contrário, é incumbido a nós atribuir à marginalização como se a culpa fosse sempre do outro; o marginalizado como responsável por sua própria pobreza. Somos reforçados a pensar na própria segurança, em estratégias de defesa, percebendo a marginalização não como um determinante das condições sociais, mas como uma escolha pela criminalidade feita pelo outro (imigrantes, os excluídos do mercado — lixo humano, descartáveis, sem serventia, “vítimas do capitalismo flexível”).

Estas pessoas são vítimas do crescimento incontrolado, despreparadas em relação às mudanças, tornando-se “lixo humano”, “pessoas descartáveis” ou “refugadas”, como prefere o autor, pessoas que não puderam ser aproveitadas e reconhecidas em uma sociedade cada vez mais seletiva.

Neste caso, como assegurar a nossa segurança pessoal em relação a estes indivíduos? É essa função que assume o Estado, misturando os nossos medos, aparecendo como um “suposto protetor”, encourado na ansiedade contemporânea, na dificuldade de compreensão do real, fruto do consumismo e do individualismo.

Em meio a esta discriminação, é como se fôssemos impessoais em relação à exclusão econômica, ficando a indústria responsável pela remoção do lixo humano, dos corpos supérfluos, emudecidos e apagados pelo sistema. Estas questões são tratadas no terceiro capítulo, “A cada refugio seu depósito de lixo”.

Neste capítulo o autor discute os vinte últimos anos do modelo capitalista que partiu do ideário de um “Estado que inclui”, para um “Estado que exclui”, aprofundando os aspectos de exclusão social liderada principalmente pela indústria na remoção do lixo humano, afirmando sua descartabilidade, encurtando desta forma seu caminho rumo à lixeira.

Para encerrar o livro, o capítulo “A cultura do lixo”, Bauman discute o panorama social, a ambivalência dos vínculos humanos e a incerteza em relação à construção de vínculos sólidos. A política de vida que vivemos encerra uma dúvida constante, o que conseqüentemente contribui para a redundância e a descartabilidade, para o imediatismo. Sentimentos de companheirismo, amizade e camaradagem são substituídos pela ansiedade, desconfiança, estresse, competitividade e a aceitação a mudanças contínuas, somados às emoções como o medo, as inibições, as paixões sucumbidas, aos traumas, etc.

Os relacionamentos são de curto prazo ou em muitos casos até virtuais. O amor torna-se vítima da liquidez da sociedade contemporânea, fugaz e descartável, destruindo as formas mais ingênuas e puras de sentimento e da intimidade compartilhada. Até a arte passa a ser efêmera, tomando como paradigma a inconstância e a rápida remoção.

Bauman afirma que não é pessimista, muito menos niilista e que sua obra é um convite à reflexão em busca da ação, na tentativa de romper com o crítico estado de vida que levamos, em que, mesmo que inconsciente da gravidade, valorizamos a redundância, o descartável, a rejeição, o abandono, a exclusão, o desgaste. É um convite à tentativa de possibilitar que a situação das pessoas em condição de fracasso e humilhação sejam revertidas e a beleza seja algo comum a todos e simples de ser vivida.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros feita a partir de **Wasted Lives** (Modernity and Outcasts), primeira edição inglesa publicada em 2004 por Polity Press, Cambridge, Inglaterra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva (2006). **Uma sociologia do refugo humano: crítica e clínica**. Publicação Semestral da Sociedade Brasileira de Sociologia, ano 1, out. 2006, n. 1.

Autora

Orgides Maria da Silva Neta

Discente em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).
orgides@ig.com.br



Como citar este artigo:

NETA, Orgides Maria da Silva. **Vidas Desperdiçadas**. Resenha in Revista ACOALFAPLP: Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 3, 2007. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: setembro 2007.